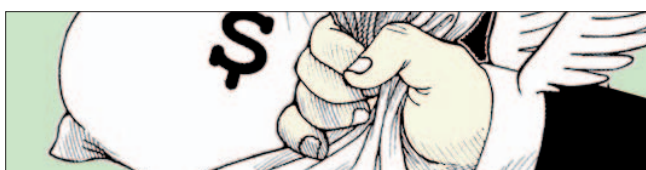
OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
Ano XI - Edição 287
Colaboração: R$ 2
De 08 a 14/02/2007

A AMÉRICA LATINA EM EBULIÇÃO

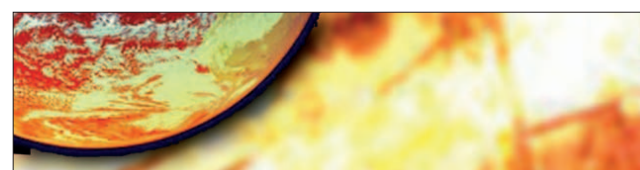
Os novos e velhos governos "de esquerda"

A importância da independência dos trabalhadores

Páginas centrais

REMESSAS DE LUCROS ATINGEM RECORDES HISTÓRICOS

Página 4

'ABRE ALAS QUE EU QUERO PASSAR'. O RESGATE DO CARNAVAL POPULAR

Página 8

CRISE AMBIENTAL RECOLOCA DILEMA ENTRE SOCIALISMO E BARBÁRIE

Página 12

■ **CABULOSO –** Os gastos do governo Lula por meio de cartões corporativos cresceram 52,2% em 2006. Cerca de 96% é de responsabilidade da Presidência da República.

■ **APOIO –** A campanha de anistia a Zé Dirceu ganha aliados na cúpula do governo. Marco Aurélio Garcia, assessor de Lula, disse: *"Quando vier o projeto (de anistia) é claro que eu apóio"*.

LEVANTE DAS TORTILHAS

Em 31 de janeiro, dezenas de milhares de manifestantes realizaram uma passeata pela capital do México, protestando contra o aumento do preço das tortilhas. O crescimento da demanda por etanol nos EUA fez com que o preço do milho atingisse os patamares mais altos da última década, puxando para cima o preço das tortilhas, considerada o 'pão' dos mexicanos. Na passeata, os manifestantes criticaram duramente o presidente Calderón, conservador que venceu as eleições presidenciais por meio de fraudes.

PÉROLA

"Sou o político mais puro desse país"

PAULO MALUF, na sua posse na Câmara dos Deputados. (*portal Último Segundo*, 01/02/07)

SEM NOÇÃO

O prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab (PFL), expulsou um idoso que protestava durante a inauguração de um posto de saúde, no dia 5. Kassab saiu correndo em direção ao idoso e o expulsou aos empurrões. Na última semana, um vídeo mostrou o prefeito fazendo piada sobre o recente desastre do metrô em São Paulo. O vídeo pode ser conferido no Portal do **PSTU**.

CHARGE / AROEIRA

NA GAVETA

A Assembléia Legislativa de SP investiga a contratação das empreiteiras do Consórcio Via Amarela, responsável pelo desastre na Linha 4 do metrô. No entanto, pelo menos oito dos 21 parlamentares da comissão receberam R$ 810 mil dessas empresas. Segundo a Justiça Eleitoral, as empresas doadoras são OAS, Camargo Corrêa e Obebrecht.

TÁ LIBERADO

O novo presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia (PT-SP), deu um recado ao seus pares do Congresso: avisou que podem continuar com a corrupção, porque ele não tem idéia de como impedir a roubalheira. *"É muito difícil você controlar. Não sei como fazer (...) Se vocês tiverem idéias, eu serei todo ouvidos"*, disse em entrevista.

ENTRE AMIGOS

O ex-presidente Collor mal assumiu sua vaga no Senado e já trocou de partido. A convite de seu grande amigo e ex-articulador político, Roberto Jefferson, Collor vai migrar para o PTB. O ex-presidente vai se unir a uma bancada de quatro deputados e fará parte do bloco formado por PCdoB, PP, PSB, PTB, PR e PRB.

ASSINE O OPINIÃO SOCIALISTA SEMANAL

assinaturas@pstu.org.br
www.pstu.org.br/assinaturas

NOME: ______________________
____
______________________ CPF: ______________________
ENDEREÇO: ______________________
______________________ BAIRRO: ______________________
CIDADE: ______________________ UF: _____ CEP: ______________________
TELEFONE: ______________________ E-MAIL: ______________________
○ DESEJO RECEBER INFORMAÇÕES DO **PSTU** EM MEU E-MAIL

MENSAL COM RENOVAÇÃO AUTOMÁTICA

☐ MÍNIMO (R$ 12) ☐ SOLIDÁRIA (R$ 15)

FORMA DE PAGAMENTO

☐ DÉBITO AUTOMÁTICO. DIA:
○ BB ○ NOSSA CAIXA ○ BANRISUL ○ BESC
○ BANESPA ○ CEF AG. __________ CONTA __________
OPERAÇÃO (SOMENTE CEF) __________

TRIMESTRAL	SEMESTRAL	ANUAL
☐ (R$ 36)	☐ (R$ 72)	☐ (R$ 144)
☐ SOLIDÁRIA: R$ ______	☐ SOLIDÁRIA: R$ ______	☐ SOLIDÁRIA: R$ ______

FORMA DE PAGAMENTO

☐ CHEQUE *
☐ CARTÃO VISA Nº ______________ VAL. __________
☐ DÉBITO AUTOMÁTICO. DIA:
○ BB ○ NOSSA CAIXA ○ BANRISUL ○ BESC
○ BANESPA ○ CEF AG. __________ CONTA __________
OPERAÇÃO (SOMENTE CEF) __________
☐ BOLETO

Envie cheque nominal ao **PSTU** no valor da assinatura para Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000 - Fax: (11) 5581.5776

WWW.PSTU.ORG.BR

NESTA SEMANA

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues **REVISÃO** Marisa Carvalho **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5576 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - (82)9903.1709
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil)
(96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - Rua Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 3321-5157
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282 Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul - CONIC - Edifício Venâncio V, sala 506
Asa Sul - Brasília - DF
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 3224-0616
goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2519 - (91) 3226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1
(91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 -
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sala 4

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Leão Coroado, 20 - Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CURRAIS NOVOS - Rua Candido Mendes, 150, Centro

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ALVORADA - Rua Jovelino de Souza, 233, Parada 46 (51) 9284-8807
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696
agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
www.pstusp.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - R. Coronel Domingos Ortiz, 423 - Centro
francodarocha@pstu.org.br
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2 Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Dr. Gurgel, 1555 - Vila Sta. Helena - (18) 3221-2032
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

SOBRE APARÊNCIAS E ENGANOS

A América Latina está girando à esquerda. Quem viveu o continente da última década do século passado e olha os dias de hoje, pode ver dois mundos diferentes.

Nos anos 90 governos de direita com grande peso eleitoral aplicavam planos neoliberais com as privatizações em primeiro plano. O presidente Menem, da Argentina, modelo da mídia para todo o continente, divulgava sua intenção de manter "relações carnais" com o governo dos EUA. O imperialismo aparecia como imbatível, a globalização como inatacável. Os ideólogos da direita chegavam a afirmar apressadamente que a história havia acabado. Uma gigantesca campanha de propaganda apregoava que o "socialismo morreu", com a queda dos Estados do leste europeu.

Mas nestes primeiros anos do novo século muita coisa mudou. O governo Bush afunda em uma crise de grandes proporções, e o imperialismo pode sofrer uma nova derrota militar no Iraque. Os partidos da direita tradicional identificados com o neoliberalismo são derrotados, e governos "de esquerda" assumem em um número inédito na história. As privatizações são questionadas e recomeçam as nacionalizações. O debate sobre o socialismo se reabre em grande escala.

Inegavelmente está se abrindo uma nova e grande oportunidade para o socialismo. Mas nem tudo são flores. Articular uma alternativa de direção revolucionária para as lutas é ainda a maior necessidade e maior fragilidade do movimento de massas.

Expectativas em direções são criadas e logo depois traídas. É muito importante que se reflita neste sentido sobre o desastre histórico do PT. Nessa situação da América Latina, e com o peso econômico e político do país, se o governo Lula se inclinasse para uma ruptura com o imperialismo, o continente poderia dar um passo histórico. Ao contrário, Lula cumpre o papel de agente de Bush, podendo fazer o que o governo norte-americano tem dificuldades para conseguir.

É importante que isso fique marcado a ferro e fogo, para que se reflita sobre esses governos de "esquerda" da América Latina. Uma ampla camada de lutadores dos movimentos sociais tem uma grande expectativa no presidente Chávez da Venezuela e em Evo Morales da Bolívia. De certa maneira, Chávez diz coisas que esses ativistas gostariam de ouvir de Lula. Muito do prestígio do presidente venezuelano é por ocupar o espaço latino-americano de contestação à Bush, que Lula deixou vago.

A imprensa não se cansa de divulgar as diferenças entre Lula e Chávez. É verdade que os discursos dos dois são diferentes, assim como algumas das ações dos governos. Mas será que a situação dos trabalhadores brasileiros e dos venezuelanos é muito diferente?

Os dados indicam o contrário: os índices de salário mínimo, desemprego e emprego precarizado são quase idênticos aos brasileiros. A dívida externa, lá como aqui, é paga religiosamente. A corrupção reina em Caracas e Brasília com a mesma desenvoltura.

Não estamos dizendo que Lula e Chávez são a mesma coisa. São governos distintos em termos políticos. Não por acaso, nós estivemos na linha de frente da luta contra o golpe armado pelo imperialismo contra Chávez, em 2002. Assim como estamos de acordo em fazer qualquer unidade de ação com os chavistas contra a Alca.

Tanto Chávez como Lula expressam governos burgueses, que não se propõem a romper com o imperialismo nem apontar para o socialismo. Por este motivo, os ativistas dos movimentos sociais devem refletir sobre a experiência com o PT para tirar conclusões também sobre Chávez. As aparências enganam e não só no Brasil.

OPINIÃO

Barrar o massacre no Haiti

***WILSON H. DA SILVA**, da Secretaria de Negros e Negras do PSTU*

Há dois anos o governo Lula enviou cerca de 1.200 soldados para chefiar a ocupação no Haiti. De lá para cá as tropas da chamada Missão das Nações Unidas para a Estabilização (Minustah), sofreram diversas denúncias de massacres e violações dos direitos humanos. O pior de tudo é que o governo quer ampliar em mais um ano a permanência de soldados brasileiros no país caribenho. A notícia surgiu semanas depois que soldados brasileiros estiveram envolvidos em um novo massacre. No dia 22 de dezembro, mais de 400 militares brasileiros, acompanhados por soldados chilenos e uruguaios e pela polícia haitiana, atacaram

uma área de Cité Soleil chamada Bois Neuf, provocando, de acordo com dados oficiais, nove mortes. Testemunhas afirmam que as pessoas assassinadas superam a cifra de 30, sendo que 80 ficaram feridas. O ataque foi feito com carros blindados e helicópteros. Um observador ligado a organizações dos direitos humanos contou ao menos 17 cadáveres, entre eles o de uma mulher negra grávida de seis meses, com tiros na barriga.

Esse evento trágico é apenas a ponta do iceberg dos inúmeros crimes cometidos pelas tropas de "paz" da ONU. A suposta imagem progressista de Lula se desfaz em mil pedaços diante de tais atrocidades. Na verdade, as tropas brasileiras estão a serviço de uma ocupação colonial, a mando de Bush, e cometem no Haiti os mesmos crimes que os soldados norte-americanos realizam no Iraque.

Fazemos nossa a luta do povo haitiano pelo fim da sanguinária ação militar que envergonha todos os trabalhadores brasileiros. É preciso exigir o fim dessa matança e que as tropas brasileiras e de outras nações desocupem o país. Fora a Minustah do Haiti! Viva a luta do povo haitiano!

REMESSA DE LUCROS DE MULTINACIONAIS AO EXTERIOR BATE RECORDE EM 2006

GOVERNO LULA pagou R$ 404,1 milhões por dia de juros da dívida pública

***DIEGO CRUZ**, da redação*

Nunca na história as multinacionais instaladas no Brasil enviaram tanto dinheiro ao exterior. Segundo dados divulgados pelo Banco Central, em 2006 as empresas estrangeiras enviaram nada menos que U$ 16,4 bilhões às suas metrópoles. Só para ter uma idéia, em 2002 esse valor foi de U$ 5,2 bilhões.

Já em 2005 a remessa de lucros foi de U$ 12,6 bilhões, ou seja, em 2006 houve um aumento de quase 30% na transferência de lucros. Os bancos estrangeiros foram os que mais sangraram o país, remetendo U$ 1,4 bilhão para o exterior. Após o setor financeiro, os campeões da rapina foram as concessionárias de serviço público e a indústria automobilística.

Apesar de as montadoras reclamarem de uma suposta crise para justificar demissões, elas remeteram U$ 1,3 bilhão para fora. As indústrias são responsáveis por 51,7% do envio, 45,9% o setor de serviços e 2,4% a agricultura.

DÁ UM, TIRA DOIS

Contrariando a tese de que investimentos estrangeiros desenvolvem o país, a transferência de recursos aumenta tão rápido quanto os próprios investimentos. No ano passado, as remessas representaram 87% de todo o investimento direto que entrou no Brasil. Ou seja, quase tudo o que foi investido em 2006 retornou em forma de lucros. Desde 1991 a relação entre investimento e remessas não atingia níveis tão altos, quando chegou a 93%. A maior parte desses lucros foram parar nos EUA.

Em 2006, o montante enviado para fora superou os gastos com o pagamento de juros da dívida externa, que fechou o ano em U$ 11,26 bilhões. Isso não ocorria desde 1973. Apesar de o governo afirmar que a dívida externa está em queda, a remessa de lucros só aumenta. A expectativa para 2007 é que essa transferência continue e se amplie, apesar de o Banco Central projetar para este ano remessas de "apenas" U$ 15,2 bilhões.

Essa dinâmica rebate a falsa idéia que investimentos estrangeiros trazem emprego e desenvolvimento. Os recursos especulativos que chegam ao país, ao contrário, sugam a riqueza nacional. Significa que grande parte da mais-valia, ou seja, do lucro obtido pelo empresário ao explorar os trabalhadores, vai direto para as economias imperialistas. Isso explica a enorme pressão, também internacional, pela aprovação da reforma trabalhista. Quanto mais os trabalhadores forem explorados, mais o imperialismo lucra.

Outro falso argumento é o de que os investimentos internacionais blindariam a economia brasileira de possíveis crises. A conjuntura econômica internacional, de relativa estabilidade, impediu que o saldo da balança comercial (exportações menos importações) tivesse déficit. A balança comercial teve superávit de U$ 13,5 bilhões, devido ao grande número de exportações ligadas ao agronegócio. Porém, analistas afirmam que a mínima instabilidade na economia mundial afetaria seriamente o país.

A FALÁCIA DA REDUÇÃODA DÍVIDA EXTERNA

O anúncio da remessa recorde de lucros veio acompanhado pela falácia segundo a qual a dívida externa do Brasil estaria sofrendo uma redução significativa, não sendo mais um problema para as contas do país. No entanto, é omitido todo o processo de transferência da dívida externa para a dívida pública interna, esta em franco crescimento.

A fim de pagar antecipadamente a dívida externa, o Brasil emite títulos da dívida interna, em reais e com juros bem maiores e prazos mais curtos. Só no primeiro semestre de 2006, a dívida interna cresceu mais de R$ 100 bilhões. Hoje, a dívida interna ultrapassa a casa do R$ 1 trilhão e representa cerca de 50% do PIB.

> **O GOVERNO PAGA R$ 17 milhões por hora da dívida. Um trabalhador que ganha dois salários mínimos levaria mais de mil e oitocentos anos para juntar esse valor.**

Além disso, o governo vem estimulando a participação estrangeira na dívida interna. Em março do ano passado foi editada a Medida Provisória 281, que isenta do Imposto de Renda investimentos estrangeiros na dívida. Logo no primeiro mês da MP, R$ 20 bilhões entraram no mercado do país.

A dívida pública, portanto, longe de estar acabando, só tende a crescer. Para garantir seu pagamento, o governo aprofunda a política de arrocho, através do superávit primário (economia para pagar juros da dívida). Segundo o jornal *Folha de S. Paulo*, o governo Lula economizou, ao longo dos quatros anos de sua gestão, R$ 331 bilhões, quase o dobro do que acumulou Fernando Henrique Cardoso na forma de superávit (R$ 158 bilhões em oito anos).

No entanto, a economia resultante do ajuste fiscal do governo Lula não foi suficiente para cobrir os juros nesse período, que custaram ao país cerca de R$ 590 bilhões, ou seja, R$ 90 bilhões a mais que todo o investimento anunciado pelo PAC (Programa de Aceleração da Economia).

17 MILHÕES POR HORA

Para ter uma idéia do volume pago pelo governo Lula em juros da dívida em seu primeiro mandato, fizemos um cálculo bastante simples. Em quatro anos, temos uma média de R$ 147 bilhões por ano, ou R$ 404,10 milhões por dia. A cada hora, o país pagou quase R$ 17 milhões de juros da dívida pública durante o governo Lula. Dez dias pagando os juros da dívida equivalem ao total de recursos destinados pelo PLOA (Projeto de Lei Orçamentária Anual) à reforma agrária durante todo o ano de 2007, previsto em R$ 4 bilhões.

Um dia de pagamento da dívida é maior que toda a verba destinada pelo governo para alfabetização de jovens e adultos em 2007, de R$ 304 milhões.

Todos os recursos destinados para a pesquisa em Agroenergia para 2007, que chegou a ter vários programas especiais na campanha eleitoral de Lula, representam 2 horas e 7 minutos do valor do pagamento da dívida, ou R$ 36 milhões.

DÍVIDA SÓ AUMENTA

Se esses valores já parecem escandalosos, a previsão do governo para 2007 sinaliza que a política do governo Lula, de priorizar o pagamento dos juros ao invés dos investimentos sociais, só irá se aprofundar. Com PAC ou sem PAC, o governo prevê que este ano os encargos com a dívida pública consumirão R$ 165,9 bilhões.

CONGRESSO DE PICARETAS ELEGE SEU NOVO PRESIDENTE

NO MESMO DIA conhecidos corruptos retornam ao Congresso

***JEFERSON CHOMA**, da Redação*

O deputado federal Arlindo Chinaglia (PT-SP) é o novo presidente da Câmara Federal. O ex-líder governista venceu o também governista Aldo Rebelo (PCdoB-SP) no segundo turno das eleições por um placar apertado de 261 votos contra 243 do adversário.

O petista garantiu sua vitória graças a um acordo com os governadores do PSDB, José Serra (São Paulo) e Aécio Neves (Minas Gerais), que orientaram seus deputados tucanos a votarem em Chinaglia no segundo turno das eleições. Mirando as eleições presidenciais de 2010, os dois governadores procuraram estabelecer um acordo com PT em troca de favores do governo federal. Metade da bancada tucana ligada aos governadores votou em Chinaglia. O acordo também entregou a vice-presidência da Câmara ao deputado do PSDB, Nárcio Rodrigues. No entanto, o acordo trouxe problemas para o PSDB e expôs sua crise e divisão.

Pensaram também na eleição de Chinaglia as negociatas envolvendo loteamento de cargos nos ministérios e estatais e a liberação de verba do governo para comprar o voto dos picaretas. Exemplo disso foi que um assessor do ministro Tarso Genro passou parte da manhã negociando os votos de alguns deputados em troca de liberação de recursos.

WILSON DIAS/AGENCIA BRASIL

Maluf cumprimenta Chinaglia pela vitória

Teve quem se incomodasse com a rapidez da votação eletrônica. O presidente do PMDB, deputado Michel Temer, declarou que a nova forma de votar dificulta as negociatas entre os candidatos. Como se pode ver, o chamado "novo Congresso" mal tomou posse e já protagonizou seu primeiro show de corrupção.

'NOVO CONGRESSO', VELHOS CORRUPTOS

Momentos antes das eleições, os novos deputados e senadores tomaram posse de seus mandatos. A grande imprensa tentou apresentar o episódio como um "exemplo de renovação" do parlamento. Uma verdadeira piada de mau gosto. A posse reuniu velhos medalhões da corrupção, como o ex-presidente Collor, Paulo Maluf e os novos expoentes da trambicagem, como o ex-ministro Antônio Palocci além de dezenas de mensaleiros e sanguessugas.

Sentindo-se em casa, Maluf chegou a declarar que "em quarenta anos de vida pública" foi que mais sofreu acusações e disse que pode garantir ser "o mais puro" político do país. Só se for "pura" roubalheira. Maluf cumprimentou Chinaglia pela vitória dando-lhe um beijo na testa.

O retorno destes picaretas ao Congresso deixa claro o mecanismo viciado das eleições. Apoiados por uma imensa máquina eleitoral, que garante o clientelismo e financiamentos milionários para as suas campanhas por empresários, políticos corruptos terminam se elegendo.

DISPUTA PELOS CARGOS

Por trás da eleição da Câmara, estava sendo travada uma luta entre dois blocos governistas pelos cargos ministeriais. Entretanto, não se trata de uma "disputa" pelos rumos do segundo mandato. PT e PMDB simplesmente disputam com PCdoB, PSB e PDT as generosas verbas do aparato do Estado.

A eleição de Chinaglia foi uma vitória do PT (especialmente da ala paulista do partido, quase destroçada pelo escândalo do mensalão).

Por outro lado, a vitória na Câmara e a reeleição de Renan Calheiros (PMDB-AL), aliado do governo, à presidência do Senado, também expressam um maior peso de Lula na instituição após a vitória eleitoral em outubro e a adesão do PMDB ao governo. Mas a disputa pelos cargos dividiu a base do governo e não terminou. Para remediar a divisão, Lula vai acomodar seus aliados na distribuição geral de cargos nas estatais e nos ministérios. Nessa história todos são parceiros no apoio às reformas neoliberais do governo.

SAIBA MAIS

Quem é Chinaglia?

No início do primeiro mandato do governo petista, Chinaglia teve uma atuação discreta, mas ganhou espaço depois da sucessão de quedas dos principais ministros e articuladores políticos do governo petista.

Sob o governo Lula, o mais novo presidente da Câmara quase triplicou seu patrimônio. O deputado petista tinha, quando assumiu em 2002, um patrimônio de R$ 157,4 mil. Em junho de 2006, o valor já passava de R$ 600 mil. Um aumento de 179%.

Ao lado de Aldo Rebelo, ele foi um dos articuladores políticos do governo no Congresso, votando a favor de propostas como a reforma da Previdência (em 2003) e do Supersimples, primeiro passo em direção ao desmonte das leis trabalhistas.

O deputado nega, mais foi um dos defensores do vergonhoso aumento de R$ 24.500 para os salários dos deputados federais. Atualmente, Chinaglia é um dos defensores da campanha pela recuperação dos direitos políticos do chefe do "mensalão", José Dirceu.

No próximo período será o encarregado de encaminhar e aprovar as propostas do governo, como as reformas trabalhista e previdenciária, que significarão o maior ataques aos direitos dos trabalhadores na história.

PCdoB NO FUNDO DO POÇO

ATIVISTAS do partido devem refletir sobre seu futuro

No início do governo Lula, o PCdoB ocupou um lugar marginal no governo, beneficiando-se das migalhas do poder. No entanto, isso mudou com a eleição de Aldo Rebelo para a presidência da Câmara.

Aldo, quando foi coordenador político do governo, votou a favor da liberação dos transgênicos e das reformas neoliberais e depois encaminhou a pizza no Congresso nas investigações de corrupção.

Para se reeleger presidente, o deputado defendeu o aumento dos salários dos deputados em R$ 24.500. Para isso teve o respaldo de seu partido, que divulgou uma nota no dia 19 de dezembro defendendo o aumento e atacando uma suposta "*'corrosiva investida' da mídia e de setores conservadores contra o Congresso Nacional*". Pressionado pela opinião pública, Aldo recuou.

Além de contar com o apoio do PFL de ACM para se reeleger, Aldo também procurou o apoio do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e chegou a dizer que ele fez "*um bom trabalho pela reforma agrária*". Um verdadeiro absurdo e desrespeito à memória dos sem-terras massacrados sob o governo tucano.

Longe de ser um fato isolado, o PCdoB caminha rumo à mais completa degeneração. É só ver Haroldo Lima, presidente da Agência Nacional do Petróleo e dirigente do partido. Sob seu comando, reservas estratégicas de petróleo estão sendo entregues a petroleiras estrangeiras.

Nesse momento é muito importante que militantes honestos, que ainda acreditam no socialismo e permanecem na base do PCdoB, reflitam profundamente sobre os rumos de seu partido.

A CRISE DO IMPERIALISMO E OS NOVOS GOVERNOS NA AMÉRICA LATINA

Há uma nova situação política na região. Os novos governos, no entanto, são o maior obstáculo a uma vitória revolucionária

***EDUARDO ALMEIDA**, da redação*

Não se pode entender a América Latina de hoje sem olhar para a crise do imperialismo.

As invasões do Afeganistão e Iraque são as faces mais visíveis da nova ordem que o imperialismo norte-americano quer impor ao mundo, depois da queda dos Estados do leste europeu. Essa política tem uma base econômica fundamental no estímulo da indústria armamentista, e não por acaso Bush a lançou em 2001, quando a crise econômica já evidenciava o declínio do neoliberalismo.

As rápidas vitórias militares no início desembocaram em crises de dimensões inesperadas. A resistência iraquiana está colocando o imperialismo norte-americano prestes a enfrentar sua segunda derrota militar (a primeira foi no Vietnã). A burguesia dos EUA está dividida: os democratas e uma parte dos republicanos (que inclui até Henry Kissinger) defendem uma negociação com o Irã para uma saída do Iraque.

Mas a resposta de Bush é fugir para adiante. Patrocinou a execução de Saddam Hussein com requintes fascistas e agora está enviando mais vinte mil soldados para o Iraque. Não se descarta a possibilidade de invasão do Irã, diretamente ou através de Israel. Para usar uma frase de Nahuel Moreno, é como se um bombeiro louco quisesse apagar o fogo lançando mais gasolina.

A outra face da crise do imperialismo se expressa nos planos neoliberais. Mesmo em períodos de crescimento da economia mundial, como agora, a miséria cresce. O resultado é o desgaste político crescente desses planos.

A combinação das invasões militares com a crise dos planos neoliberais é impressionante: existe um antiimperialismo amplamente difundido em todo o mundo, talvez ainda maior do que o existente no auge da luta contra a guerra do Vietnã.

Não se podem tirar daí conclusões impressionistas, porque o imperialismo norte-americano segue sendo hegemônico, econômica, política e militarmente. A isto se junta o papel do imperialismo europeu, crítico de Bush, mas que se aproveita de suas invasões. Sobra ainda a alternativa dos democratas, que pode gerar novas expectativas num futuro governo dos EUA.

Mas estamos perante uma crise do imperialismo, sem perspectivas de solução a curto prazo, que incide sobre a situação da América Latina. Mais ainda, está no horizonte uma nova crise cíclica da economia mundial. Lembremos que a crise passada (2000-2001) foi a base para explosões na Argentina e no Equador, bem como para a vitória de Lula.

O continente estremece

À crise do imperialismo se junta o ascenso das lutas das massas trabalhadoras e estudantis da América Latina. Grandes greves, mobilizações de rua e mesmo insurreições sacudiram o continente neste início de século. O processo se estendeu, atingindo governos antes estáveis, como os do Chile e do México.

É claro que existem grandes desigualdades entre cada país, como o Brasil que segue na retaguarda da luta de classes no continente. É importante observar também que essa nova realidade permanece ainda nos marcos da democracia burguesa, que segue sendo uma arma importante para a burguesia. Mas nunca tivemos, ao mesmo tempo, tantos governos de frente popular (com dirigentes e organizações do movimento operário e representantes da burguesia) e nacionalistas burgueses. Estão envolvidos os mais ricos países do continente, como Brasil, Argentina e Venezuela (o México ficou de fora por uma fraude eleitoral), e países de tradição revolucionária como a Bolívia.

Essa nova realidade joga por terra o tradicional argumento dos reformistas, que sempre negavam qualquer ruptura com o imperialismo porque "ficaríamos isolados". Hoje a realidade é oposta: existiria um amplo apoio de massas a uma proposta radical de rompimento.

Imprensados pela crise do imperialismo e a radicalização das massas, recentemente começou uma onda de nacionalizações, impensáveis desde a década de 80. O projeto da Alca, tal como foi proposto pelo governo dos EUA, vive profunda crise e pode ser detonado. Os tratados bilaterais de livre comércio (TLCs) são uma alternativa para o imperialismo, mas falta a eles a importância continental da Alca.

Mas estes novos governos "de esquerda" não apontam para qualquer ruptura real, mas para negociações de seus interesses em melhores condições com o imperialismo. E o governo Bush já está se rearmando estas negociações. Em agosto do ano passado, Thomas Shannon foi nomeado sub-secretário de Estado para as Américas. Segundo Jorge Domínguez, professor de Harvard, a nova política de Bush para a América Latina busca "evitar erros", como o apoio ao golpe na Venezuela de 2002, e busca "deixar que seus parceiros na América Latina, principalmente o Brasil, lidem com potenciais desafetos dos EUA na região, entre eles Chávez e o boliviano Evo Morales". O novo secretário Shannon disse que os *"Estados Unidos não desejam uma política de confrontação com o governo do presidente Hugo Chávez"*, e teve uma postura de clara aceitação e negociação perante as nacionalizações do governo venezuelano.

Os governos de 'esquerda' e a nova burguesia

Existem diferenças entre os novos governos da "centro-esquerda" latino-americana.

Há dois blocos: um mais à direita, liderado por Lula e formado pelos governos do Chile e Uruguai, entre outros. O bloco mais à esquerda é encabeçado por Chávez, com Morales e Rafael Correa (Equador). Existem claras distinções nos discursos (enquanto Lula declara que Bush é "um amigo", Chávez o chama de "diabo") e também na política externa. O presidente da Venezuela busca relações com o Irã e ataca a guerra no Iraque, enquanto Lula se empenha em ser o defensor de Bush na América Latina, inclusive enviando tropas para o Haiti. Outra diferença surgiu agora, com as medidas de nacionalizações de Morales e Chávez.

As diferenças maiores entre estes governos não se devem a tal ou qual característica de seus presidentes, mas à situação objetiva da luta de classes: onde existem (ou existiram recentemente) grandes mobilizações revolucionárias (Bolívia, Equador e Venezuela), seus governantes são obrigados a ir mais à esquerda. Ao menos nos discursos contra Bush e em uma ou outra medida como as nacionalizações.

Mas nenhum desses governos defende a ruptura com o imperialismo, muito menos uma perspectiva socialista real. O líder do bloco "de esquerda" Chávez segue pagando religiosamente a dívida externa, quando teria condições para não pagá-la e convocar uma frente de países para esse enfrentamento. O país é o sexto parceiro comercial dos EUA em todo o mundo, por garantir o fornecimento de petróleo mesmo quando Bush lançou a guerra contra o Iraque.

As nacionalizações das petroleiras em Orinoco, recém anunciadas, buscam adequar as empresas dessa região às mesmas regras do resto do país, em que o Estado tem maioria formal das ações das empresas, mas permite às multinacionais até 49% da produção e dos lucros. As empresas "nacionalizadas" já anunciaram uma clara disposição para um acordo com o governo, já que as parcerias no restante do país garantem um lucro altíssimo.

Tampouco Chávez defende uma perspectiva socialista de verdade. Na edição passada já demonstramos como ele não defende a expropriação das grandes empresas privadas, e sim uma economia "mista" capitalista. Também não propõe poder para os trabalhadores, e sim uma democracia burguesa com vários elementos bonapartistas, como o que agora lhe deu direito de governar por decretos. Isso se reflete na manutenção da situação de miséria da Venezuela, que não difere dos índices salariais e do desemprego do resto da América Latina.

Chávez repete o percurso do sandinismo em relação à burguesia (vide box). Uma nova classe dominante muito forte está se formando a partir do aparato de Estado, com o apoio direto de Chávez – a chamada "boli-burguesia" (burguesia bolivariana). Inclui figuras como Diosdado Cabello, que comprou as indústrias dos grupos Sosa Rodríguez e Montana, três bancos comerciais e várias empresas de seguro, formando um dos maiores conglomerados do país. Além disso, o velho setor golpista da burguesia venezuelana está dividido, com Cisneros (o segundo mais rico da América Latina) e a Fedecameras (entidade patronal que articulou o golpe de 2002) apoiando o governo.

O CAMINHO DO SANDINISMO

Publicamos a seguir trechos do texto "Do sandinismo ao danielismo", de Mônica Baltodano, uma das comandantes guerrilheiras da FSLN que denuncia a trajetória da direção sandinista, com Daniel Ortega à cabeça, que agora volta ao poder na Nicarágua. O texto completo está em nosso portal.

"A Frente Sandinista de Libertação Nacional (...) é hoje vítima do seqüestro e controle férreo de Daniel Ortega e de um pequeno grupo de dirigentes sandinistas, convertidos em empresários a partir das propriedades das quais se apoderaram com a divisão de bens do Estado, realizada depois da derrota eleitoral do FSLN em 1990 (...)

Os líderes oficiais da FSLN não fizeram nada para enfrentar o desmanche feito contra o povo das conquistas revolucionárias e o fim de suas esperanças em um futuro digno. Pior: eles também participaram nesse ataque através das instituições estatais que controlam e das empresas que manejam. Só lhes resta a retórica revolucionaria, e a única 'oposição' que praticam se orienta a controlar mais postos de poder (...) Certamente, o discurso de Ortega e suas aproximações oportunistas a líderes da esquerda latino-americana buscam mostrá-lo como um esquerdista radical. Lamentavelmente, fora da Nicarágua se desconhece a esquizofrenia da FSLN e de seus dirigentes: na boca um discurso de esquerda e na vida uma prática política corrupta e favorecedora do neoliberalismo e dos interesses da direita"

A NECESSÁRIA INDEPENDÊNCIA DOS TRABALHADORES

Todos estes governos "de esquerda" buscam controlar o movimento de massas. Exemplo é Lula, através das direções pelegas da CUT e da UNE. Mas também Chávez quer de todas as maneiras manter o controle da nova central *Unión Nacional de Trabajadores de Venezuela*, e recentemente anunciou sua proposta de um "partido único socialista".

A única possibilidade de que os países latino-americanos rompam com o imperialismo e o capitalismo é a construção de direções do movimento de massas independentes destes governos. O exemplo da Conlutas, claramente independente do governo Lula e de entidades e partidos pelegos, é necessário também para a América Latina.

SOMBRAS NO PRIMEIRO ANO DO GOVERNO EVO MORALES

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Em janeiro, milhares de manifestantes saíram às ruas em Cochabamba na Bolívia, pedindo a renúncia do governador Manfred Reyes Villa, ex-militar, oligarca e defensor radical da "autonomia" da região. A resposta foi brutal. Milícias armadas, com o apoio da polícia e do governo, desataram uma ampla repressão, assassinaram pelo menos três manifestantes e deixaram centenas de feridos.

Em resposta, milhares de pessoas marcharam num ato convocado pela Central Operária Departamental (COD), exigindo "fora Reyes Villa". Os protestos deixaram o governo local acuado e paralisado. Imediatamente os manifestantes organizaram um "governo paralelo revolucionário" e tentaram criar um organismo de duplo poder. Mas o novo organismo não pôde exercer nenhum tipo de poder em função do boicote dos sindicatos controlados pelo governo Evo Morales.

Em meio às manifestações, Morales reuniu-se com dirigentes camponeses e membros da COD, pedindo para deixarem a luta contra Reyes Villa e buscarem uma saída legal, por meio de um incerto referendo revogatório de mandato. *"Peço para que os movimentos sociais atuem no marco da democracia e não sejam vingativos"*, declarou. Ao invés de chamar o fortalecimento do organismo de poder construído na luta do contra o governo de direita, o presidente fez o oposto.

Esse episódio mostra a natureza do governo Morales: recebe a pressão do movimento de massas para que cumpra as expectativas que o levaram ao poder, mas cumpre as exigências da burguesia e do imperialismo para que defenda seus interesses e avance na contra-revolução. Por isso, faz de tudo para impor limites às mobilizações populares. O decreto da nacionalização dos hidrocarbonetos ilustra bem essa situação. A enorme pressão revolucionária do povo obrigou Morales a editar a medida em maio de 2006. Menos de um ano depois, houve um verdadeiro retrocesso. Nenhuma expropriação das multinacionais foi realizada, nem foi instituído o monopólio de exploração dos hidrocarbonetos, algo necessário para a industrialização do país. O que ocorreu foram negociações de novos contratos de exploração do gás com as multinacionais (incluindo a Petrobras).

CONSTITUINTE

Em agosto, começou a funcionar a Assembléia Constituinte. Sua convocação foi uma das principais reivindicações da revolução de 2003. A população indígena e camponesa vê a Constituinte como um instrumento para resolver seus problemas. O povo exige que seja originária e de "refundação" da Bolívia, mas a burguesia e o imperialismo querem que ela se limite a uma reforma constitucional.

Os trabalhos da Constituinte estão paralisados, porque a oposição burguesa (minoritária na Assembléia) exige que as novas leis sejam aprovadas por dois terços. O governo defendia a maioria simples, pois o MAS sozinho constituiu 55% dos deputados.

Setores da burguesia nacional, representados por prefeitos e governadores das províncias mais ricas realizaram manifestações para pressionar por algum acordo. Morales recuou e aceitou a realização de consultas populares sobre polêmicas que não fossem aprovados por dois terços. Tal acordo é, na prática, mais uma manobra da direita para manter a Constituinte paralisada.

OUTROS CARNAVAIS...

NA CONTRA-CORRENTE da mercantilização, blocos e manifestações populares tomam as ruas do país reinventando essa grande festa do povo

WILSON H. DA SILVA,
da redação

Os festejos carnavalescos surgiram na Europa, durante a Idade Média, quando o cristianismo tentou por um fim às tradições consideradas *"pagãs"* que, desde muitos séculos antes de Cristo, aconteciam no final do inverno para celebrar a vida, a fertilidade e o prazer. Na Grécia, por exemplo, este era um período dedicado a Dionísio (conhecido como Baco, entre os romanos), o deus do vinho e da fertilidade.

Ao inserir o festejo em seu calendário, a Igreja tentou lhe dar um novo sentido, o que acabou determinando o nome da festa. *"Carne levare"* ou *"carne vale"*, em latim, significa *"adeus à carne"*. Uma referência tanto ao jejum imposto durante a Quaresma, quanto à evidente intenção da Igreja de por um freio às liberdades sexuais que sempre caracterizaram a festa.

Até chegar aos dias de hoje, o carnaval percorreu um longo caminho. Nas ruas de Veneza, a festa ganhou fantasias e máscaras e, em outros países da Europa, surgiram as brincadeiras de rua. Sua chegada ao Brasil, nos anos 1700, se deu através de portugueses e negros que vinham das ilhas da Madeira, Açores e Cabo Verde e de lá trouxeram a tradição do *"entrudo"*, uma brincadeira caracterizada pelo *"mela-mela"* de farinha e água com limão, origem das batalhas com confetes e serpentinas.

O tempero final e decisivo para que o carnaval brasileiro assumisse as características e a importância social que tem foi a contribuição africana para esta história: da *"ginga"* e capoeiras ao samba e os muitos instrumentos de percussão que há séculos ritmam as fantasias e delírios do povo que toma as ruas de todo o país.

Mesclando-se com tradições e festas populares, o Carnaval desdobrou-se em formatos tão diversos quanto a cultura brasileira. Frevos, afoxés, maracatus, bois e côcos entrelaçam-se com sambas de roda, choros e marchinhas, numa explosão popular onde nunca faltaram irreverência, críticas e, principalmente, a preservação do que havia de essencial naquilo que o cristianismo tentou conter e aprisionar: a celebração da vida, da alegria, da possibilidade, mesmo que fantasiosa, de *"virar o mundo ao avesso"*; de colocar no centro do poder um *"rei"* saído do povo (o *"momo"*), criado para parodiar os trejeitos da elite e de levar para o centro do espetáculo todos aqueles que, no restante do ano, são destituídos de qualquer poder.

NEM TUDO É FESTA, MAS...

É verdade que, há muito, o Carnaval sofre um processo de mercantilização e distanciamento de seus significados originais. Exemplos não faltam. Do "apartheid" absurdo que separa, em Salvador, um punhado de gringos e endinheirados (brancos, na sua maioria) da massa que vai atrás dos trios elétricos, à transformação do desfiles de escolas do Rio *"no maior espetáculo da terra"*, movido a rios de dinheiro e voltado para fazer brilhar as *"beldades"* globais e as celebridades descartáveis que pipocam como pragas.

Como também não é possível deixar de lembrar tudo de nefasto que vem junto com os cortejos carnavalescos. Como a exploração das mulheres (principalmente das negras) como objetos sexuais e o turismo escandaloso alimentado pelas elites em torno desse lucrativo *"mercado"*. Ou, ainda, a melancólica transformação das grandes escolas de samba (do Rio de Janeiro e de São Paulo) em veículos ou vitrines para a celebração de empresas e setores do Capital.

Mas seria pura ingenuidade esperar algo diferente do capitalismo. Como, também, seria um erro um tanto estúpido deduzir que neste campo o sistema já deu (ou jamais será capaz de dar) a palavra final. Muito pelo contrário. Guardadas as devidas diferenças, assim como em tudo mais no mundo em que vivemos, para cada investida do capital surge uma nova forma de resistência, para cada espaço cercado por *"cordeiros"*, sambódromos e bailes fechados, abre-se um outro, ocupado por blocos e manifestações populares que insistem em tomar as ruas, como que repetindo, apesar de todos os pesares, os versos da libertária Chiquinha Gonzaga: *"Ó abre alas que eu quero passar..."*

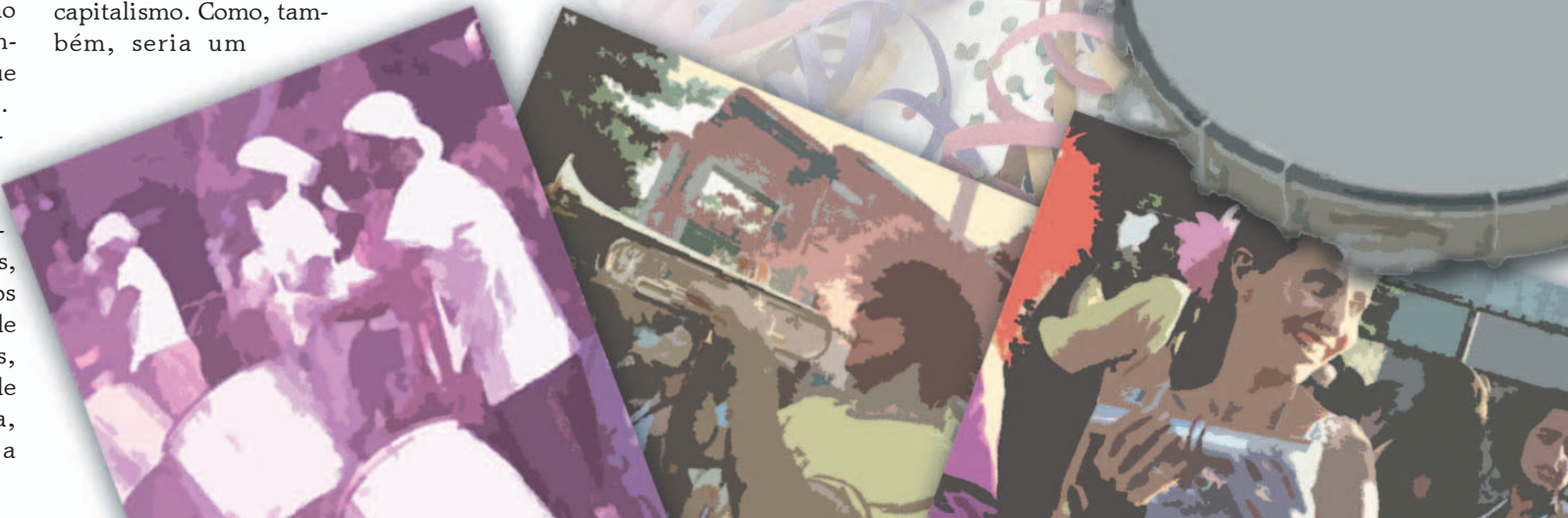
"É O POEMA DA MULTIDÃO"

O verso acima é do poema *"O canto de liberdade"*, do pernambucano Solano Trindade, cuja trajetória forma um enredo no qual é impossível separar a luta anticapitalista, o combate antiracista e o resgate das tradições populares, particularmente do Carnaval.

Assim como Solano, foram muitos os que viram no Carnaval um pólo de resistência que, longe de servir como mera forma de alienação e amenização dos conflitos sociais, deveria ser interpretado como *"poesia-viva"*, construída pelas massas na rua, apesar de restrições e obstáculos criados pelas ladainhas religiosas, pelas falcatruas neoliberais ou por sua apropriação, indébita, por parte da burguesia.

Hoje são versos deste *"poema"* que continuam sendo escritos com as formas, cores e ritmos dos mais diversos. Nas ruas de São José dos Campos (SP) , no já tradicional bloco *"Acorda Peão"*, organizado pelo Sindicato dos Metalúrgicos; nas ladeiras do Recife e de Olinda, onde o centenário frevo ainda varre as mazelas da vida; nos rincões e vilarejos mais distantes, onde os folguedos ainda guardam tradições seculares ou, até mesmo, nos animados blocos independentes e *"livres"* (sem cordões, sem destaques e toda parafernália da*"globo"*).

Algo que, segundo o militante do **PSTU** Alexandre Barbosa, o 'Xandão' (que se define como *"folião amante da cultura popular carioca"*), tem ganho cada vez mais importância no carnaval carioca:*"O carnaval de 2007 vai consolidar um fenômeno que já ocorre há alguns anos: o resgate do carnaval de rua. Serão mais de 300 blocos, em alternativa à mercantilização dos desfiles das grandes escolas. As turmas de bate-bola se misturam com o folião que não tem fantasia e aos blocos e invadem a avenida Rio Branco, palco das grandes lutas e passeatas. Nestes blocos, o folião anônimo fantasiado ou não é a grande estrela. A tradição das marchinhas do Bola Preta, que reúne mais de 250 mil pessoas, se une à irreverência do Bloco da Segunda, que sempre traz enredos com sátiras políticas que não poupam os governantes"*.

Sinal de que nos corações, corpos e mentes de nosso povo ainda brilha o desejo de transformar o asfalto em uma passarela por onde também possa desfilar a crença de que, podemos, sim, ter um país mais justo, mais livre e, porque não, mais alegre.

SERVIDORES PREPARAM LUTA CONTRA OS ATAQUES DO PAC

SEMINÁRIO DA CNESF aponta jornada de luta combinada com lançamento da campanha salarial

DA REDAÇÃO

Nos dias 4 e 5 de fevereiro a Cnesf (Coordenação Nacional dos Servidores Públicos Federais) realizou um seminário em Brasília para discutir e organizar o início da Campanha Salarial 2007 e a luta contra os ataques do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Reuniram-se 108 representantes de 11 entidades nacionais para estudar os problemas do PAC e definir os próximos passos da mobilização em defesa dos direitos dos servidores.

No dia 4, o seminário contou com uma mesa sobre conjuntura, cujo tema central terminou sendo o recente programa anunciado pelo governo. Compuseram a mesa José Maria de Almeida, da Coordenação da Conlutas, Lúcia Reis, representando a CUT, além de representantes da Unafisco (Sindicato dos Auditores Fiscais da Receita Federal) e do Dieese (Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas) do Distrito Federal.

Enquanto a Conlutas definiu claramente seu posicionamento contrário a todo o PAC, a representante da CUT assumiu a defesa do programa, afirmando que as medidas previstas pelo governo têm um caráter progressista, destacando apenas o que se refere aos servidores públicos. O PAC define para os próximos dez anos uma política para a categoria que limita o crescimento da folha salarial. O governo Lula quer repor apenas a inflação do período e limitar o reajuste da folha em 1,5%. Porém, a folha de pagamento já conta com o aumento "vejetativo" de 1,5% ao ano, fruto de promoções, incorporação de benefícios, etc.

Ou seja, essa política significa o congelamento do salário já arrochado da categoria, além de perpetuar a atual situação de falta de servidores. Além disso, como não especifica o que cada categoria tem garantido como reajuste, o governo pretende com essa medida impor negociações fragmentadas e fazer com que os setores dos servidores briguem entre si pelas migalhas.

PAC ATINGE TODOS

No entanto, assim como o PAC representa um duro ataque ao funcionalismo, ele também ataca os demais trabalhadores aprofundando o ajuste fiscal, mantendo o salário mínimo de fome e avançando nas privatizações, além de iniciar a reforma da Previdência. Como se não bastasse defender o programa, a representante da CUT ainda defendeu a participação da entidade no Fórum Nacional da Previdência Social, instituído pelo governo para impor a reforma previdenciária.

A ampla maioria das entidades presentes se posicionou de forma categórica contra o PAC de conjunto. Apenas a Fasubra (Federação de Sindicatos de Trabalhadores das Universidades Brasileiras) e a Condsef (Confederação Nacional dos Servidores Públicos Federais) não foram a favor de tal resolução. A Fasubra por ter uma direção majoritariamente governista e apoiar o PAC. Já a Condsef afirma que ir contra o programa "não dialoga com a sociedade".

No entanto, apesar de tais posicionamentos equivocados, a Cnesf, apelando à unidade, definiu lutar contra os ataques do PAC aos servidores, impulsionando uma forte mobilização unificada contra o pacote, aliada à campanha salarial 2007. Além disso, a Coordenação reafirmou seu rechaço a qualquer reforma da Previdência.

A Conlutas, além de deixar explícito seu posicionamento contrário ao PAC, convidou todas as entidades presentes para o Encontro Nacional Contra as Reformas, que será realizado no próximo dia 25 de março em São Paulo.

A reunião ampliada da Cnesf, realizada logo após o seminário, definiu os principais eixos da campanha, que une a luta contra o PAC e a reforma com as reivindicações históricas do funcionalismo: reposição das perdas históricas da categoria desde 1995; recursos no orçamento que reponham todas as defasagens; política salarial com reposição e aumento real; diretrizes de planos de carreira; piso salarial para os servidores de acordo com o maior piso do serviço público, etc.

PLANO DE LUTAS

Além disso, a Cnesf também definiu um plano de lutas para o próximo período, que começa com as plenárias setoriais nos dias 12 e 13 de março. No dia 14, ocorre a Plenária Nacional e dia 15 será o lançamento oficial da Campanha Unificada 2007.

A Cnesf aprovou ainda a reprodução do seminário nos estados, rearticulando as coordenações estaduais.

"*Vai ser uma campanha dura, que exigirá uma forte mobilização da base para que enfrentemos o PAC e levantemos nossas reivindicações*", analisa Paulo Barela, da executiva nacional da Assibge (Associação Nacional dos Trabalhadores do IBGE). "*Temos agora que ir para a base, criar um movimento que supere as direções*", afirma. "*Se depender das direções governistas, essa campanha não sai*", finaliza.

CONLUTAS FAZ REUNIÃO NACIONAL NOS DIAS 10 E 11 DE FEVEREIRO

A Coordenação Nacional da Conlutas se reúne em São Paulo no final de semana dos dias 10 e 11 para definir os próximos passos da entidade. A reunião analisará a atual conjuntura e a luta contra as reformas. Além disso, a Conlutas vai definir sua atuação no Encontro Nacional contra as Reformas, evento aberto que será realizado no dia 25 de março, também na capital paulista.

A Conlutas vai também definir os próximos passos para a campanha pela valorização do salário mínimo, assim como a atuação da entidade no 8 de março, dia mundial das mulheres. A pauta do encontro inclui as reuniões dos GT's (grupos de trabalho) da Coordenação, como o GT de Mulheres.

CONVITE PARA A UNIDADE

A Conlutas, além de convocar as entidades que compõem sua Coordenação Nacional, convidou as Pastorais e a Intersindical para participarem do debate, reafirmando seu esforço pela unidade da luta contra as reformas.

"*Acreditamos ser fundamental o esforço unitário de todas as forças da esquerda socialista que atuam nos sindicatos e movimentos sociais em nosso país, para reconstruirmos a unidade da classe trabalhadora na luta em defesa de seus direitos e interesses*", afirma o convite enviado à Intersindical. A Conlutas deixa claro que a participação na reunião tem o objetivo de fortalecer a luta contra os ataques aos trabalhadores, não implicando em qualquer tipo de vínculo ou obrigação da Intersindical com a Coordenação.

A reunião ocorrerá na sede da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Alimentos de São Paulo, na rua Conselheiro Furtado, 987, bairro da Liberdade.

A SERVIÇO DA CONSTRUÇÃO DO PARTIDO E DA INTERNACIONAL

BERNARDO CERDEIRA,
da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI)

Nahuel Moreno foi um escritor marxista produtivo, original e polêmico. Nunca fugiu de enfrentar problemas novos colocados pelo desenvolvimento da luta de classes, pela crise da direção revolucionária de nossa época e pelas exigências de construção de uma Internacional revolucionária.

Entre as homenagens que a LIT realizará este ano, quando se completam 20 anos da morte de Moreno, está prevista a publicação de vários de seus escritos ou trabalhos sobre sua obra, começando por um número especial de *Marxismo Vivo* que reunirá os textos de Moreno sobre a construção da Internacional e a história de nossa corrente dentro do movimento trotskista.

Queremos despertar o interesse dos novos militantes, principalmente os jovens, pela obra de Moreno e por seu estudo. Neste artigo, queremos assinalar e ressaltar alguns dos seus principais trabalhos, no contexto em que foram produzidas.

Mas, antes de mais nada, um esclarecimento: não é fácil escrever sobre a obra de Moreno. Apenas uma parte dela foi publicada, mesmo em espanhol. Uma grande parte consta de cartas, artigos e materiais internos que nunca foram publicados e exigem ainda da organização e sistematização. Outra parte muito importante de sua elaboração teórica e política foi exposta por Moreno em cursos, conferências, debates, informes e intervenções em organismos partidários. Dessa elaboração, só uma pequena parte foi transcrita e editada.

Essa dificuldade é maior para leitores do Brasil, mesmo sendo estes em maioria militantes ou simpatizantes do **PSTU** e da **LIT**. Isso porque, apesar do esforço recente da Editora do Instituto José Luiz e Rosa Sundermann, que vem publicando várias obras de Moreno, muitos dos seus trabalhos ainda são inéditos em português. Outros foram publicados há muito tempo e nunca reeditados. É o caso de "*Revolução e contra-revolução em Portugal*" e "*A revolução chinesa e indo-chinesa*".

Por isso, é preciso ter claro que, da relação de livros, ensaios, artigos e cartas (ver quadro ao lado), muitos ainda estão na fila para publicação.

Moreno foi um dirigente político de uma corrente internacional e sua obra política e teórica sempre esteve ligada a uma prática revolucionária. Elaborou e aportou ao marxismo, utilizando seu arsenal teórico e procurando ajudar nossa corrente internacional a compreender corretamente os processos fundamentais da luta de classes e a construir o partido e a Internacional intervindo neles.

Isso não quer dizer que Moreno não tenha estudado e elaborado sobre outros terrenos teóricos, como a lógica ("*Lógica marxista e ciências modernas*") ou a questão do Estado operário e dos problemas da transição ao socialismo ("*Ditadura revolucionária do proletariado*"). Mas seus principais trabalhos estiveram ligados às revoluções da nossa época e às categorias políticas (Estado, regime, governo, poder dual, partido revolucionário). Sua ambição, que infelizmente não conseguiu realizar plenamente, era desenvolver uma teoria das revoluções, da qual o folheto "*Revoluções do século XX*" (originalmente um curso) foi uma primeira sistematização e um esboço.

Suas contribuições mais importantes à atualização da teoria da Revolução Permanente de Trotsky, à luz das revoluções do pós-guerra e do fenômeno da guerrilha, estão reunidas no livro "*Atualização do Programa de Transição*".

Do mesmo modo, podemos dizer que a questão do partido revolucionário, seu programa, sua teoria, sua estratégia e suas táticas e a utilização de palavras de ordem – ou seja, a questão da intervenção do partido na luta de classes e o método da sua construção – estão brilhantemente expostos e discutidos em "*O partido e a revolução*", uma das suas principais obras.

Este último livro, como muitos de Moreno, se desenvolve sobre uma ampla polêmica, que abarca muitos aspectos, neste caso com a corrente majoritária do Secretariado Unificado (SU) da IV Internacional, encabeçada por Ernest Mandel. Seguindo a tradição do marxismo, grande parte das obras mais importantes de Moreno foram escritas em forma polêmica com correntes trotskistas e não trotskistas. A seguir, estão alguns dos principais exemplos.

A REVOLUÇÃO BOLIVIANA

Em 1952, a classe operária foi protagonista do que foi a maior revolução operária clássica da segunda metade do século vinte. Os mineiros bolivianos à cabeça derrotaram as Forças Armadas e formaram milícias armadas que chegaram a reunir 100 mil homens. O trotskismo, organizado no POR, tinha influência de massas, havia eleito cinco deputados e um senador para a Constituinte, tinha grande peso nos sindicatos e na Central Operária Boliviana (COB) e dirigia as milícias.

Mas o Secretariado da IV Internacional (do qual faziam parte Mandel e Pablo) teve uma orientação completamente oportunista, orientando o POR a apoiar o governo burguês do MNR, dirigido por Paz Estenssoro.

Moreno polemizou duramente com esta posição, opondo-se à idéia de que o POR deveria apoiar, ainda que criticamente, um governo burguês, e defendendo, ao contrário, que o partido deveria lutar para que a COB e as milícias tomassem o poder, concretizando esta orientação na palavra de ordem "Todo poder à COB".

No entanto, nem o Secretariado da IV nem a direção do POR mudaram sua orientação. O trotskismo perdeu sua maior oportunidade de dirigir uma revolução, construir uma alternativa de direção e uma corrente internacional com influência de massas.

As cartas, artigos e documentos de Moreno sobre a revolução boliviana constituem, possivelmente, sua primeira elaboração internacional de maior peso, mas ainda exigem uma sistematização e publicação.

A REVOLUÇÃO CUBANA E A GUERRILHA

A revolução cubana foi um acontecimento de tremenda repercussão na América Latina e em todo o mundo. E com ela, ganhou peso internacionalmente uma tática revolucionária que, sem ser nova, teve outra dimensão: a guerrilha.

Moreno não foi imune às pressões da revolução cubana. Em seus primeiros trabalhos, chegou a afirmar que *"não há, hoje em dia, outra corrente revolucionária na América a não ser o castrismo"*.

Mas depois, em várias ocasiões e em diferentes países, Moreno e os partidos de nossa corrente tiveram que enfrentar desvios, dentro da IV Internacional e dentro de nossa própria corrente, gerados pela capitulação às pressões guerrilheiristas. Foi o caso dos militantes argentinos no Peru, encabeçados por Daniel Pereyra (el "Che" Pereyra) que, enviados para apoiar a construção do partido e o movimento camponês dirigido por Hugo Blanco, terminaram por organizar um grupo guerrilheiro e um grande assalto a um banco, levando a prisão de todos. A polêmica contra este desvio está em várias cartas e no trabalho "*Peru: duas estratégias*".

Na polêmica e no enfrentamento a estas posições, Moreno escreveu alguns dos seus mais importantes trabalhos. Grande parte de "*O partido e a revolução*" (mas também o documento "*Argentina e Bolívia: um balanço*") está dedicada ao combate aos desvios guerrilheiristas impostos por Mandel e toda a direção do SU à maioria das seções da Internacional.

Um dos mais importantes trabalhos foi "*Dois métodos frente à revolução latino-americana: luta guerrilheira ou luta operária de massas?*", em que polemiza com as principais posições de Che Guevara.

Finalmente, em "*Atualização do Programa de Transição*" e principalmente em "*Teses sobre o guerrilheirismo*", um dos seus últimos trabalhos, Moreno avança em uma caracterização e uma crítica do que ele chamou partidos-exército da guerrilha.

O eixo destes trabalhos era a reafirmação da centralidade da classe operária como sujeito da revolução socialista e da estratégia da tomada do poder pelo proletariado, dirigido por um partido revolucionário de tipo bolchevique.

A REVOLUÇÃO NICARAGÜENSE

A derrocada da sanguinária ditadura de Anastácio Somoza pelas massas sublevadas teve impacto na América Latina e em todo o mundo. Para Moreno, a vitória da revolução nicaragüense "*abriu uma etapa revolucionária em toda a América Central*", cujos eixos foram mais tarde a guerra civil em El Salvador e na Guatemala, como ele explicou no ensaio "*América Central: seis países, uma nacionalidade, uma revolução*".

A Fração Bolchevique (FB) e principalmente o PST colombiano intervieram diretamente neste processo, num primeiro momento apoiando a luta de massas e lutando pela vitória da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Para isso, Moreno orientou o PST colombiano a organizar as Brigadas Simon Bolívar, que combateram contra Somoza na Frente Sul da FSLN e tomaram o porto de Bluefields, no Atlântico. Depois da queda de Somoza, a Brigada Simon Bolívar criou vários sindicatos e, por sua atividade política, seus membros terminaram presos e expulsos pela FSLN.

Em trabalhos como "*Nossa experiência com o lambertismo*", uma análise da revolução nicaragüense também aparece como pano de fundo da ruptura da FB com o SU, já que este havia cruzado a linha dos princípios revolucionários mais elementares ao apoiar a repressão da FSLN à Brigada Simon Bolívar e proibir a construção de partidos trotskistas no país. Por outro lado, uma posição principista comum sobre a Nicarágua aproximou nossa corrente do CORQUI, a organização dirigida por Pierre Lambert.

A LUTA CONTRA A FRENTE POPULAR

Se uma posição principista comum sobre a revolução nicaragüense aproximou a Fração Bolchevique do lambertismo, levando à unificação na QI (CI), a vitória de François Miterrand nas eleições de 1981 produziu uma capitulação da OCI (partido dirigido por Lambert na França) ao governo de frente popular.

Moreno começou uma intensa polêmica política com a direção da OCI, que se traduziu em vários trabalhos: "*O governo Mitterrand. Suas perspectivas e nossa política*", "*Carta aos camaradas do Comitê Central do POSI (Partido Operário Socialista Internacionalista) da Espanha*", "*A traição da OCI (unificada)*", "*Oportunismo e trotskismo frente aos governos de frente popular*". A maior parte destes textos foi reunida em livro e publicada recentemente no Brasil, pela Editora do Instituto José Luiz e Rosa Sundermann, com o título de "*Os governos de frente popular na história*".

A postura burocrática de Lambert e da OCI (unificada), que reagiu à polêmica com o impedimento da discussão em sua base e com a expulsão dos militantes que pediam o debate, levou à ruptura da QI (CI). Os trabalhos de Moreno retomaram as elaborações de Trotsky sobre a frente popular e tornaram-se uma referência fundamental nos tempos atuais, em que o fenômeno dos governos desse tipo voltou à plena atualidade, principalmente na América Latina.

AS REVOLUÇÕES CONTRA AS DITADURAS LATINO-AMERICANAS

Em 1982, com a derrota da Argentina na Guerra das Malvinas e com a crise da ditadura militar vigente no país, começa um período de crise e queda dos regimes ditatoriais em todo o Cone Sul da América Latina.

Moreno caracterizou estes poderosos movimentos de massas que derrubavam governos e conquistavam amplas liberdades democráticas como verdadeiras revoluções "políticas", porque destruíam regimes ditatoriais através da mobilização revolucionária das massas. E assinalou que formariam parte de revoluções operárias e socialistas, como primeiro movimento. Moreno chamou este primeiro movimento de "revoluções democráticas".

A análise concreta destes processos revolucionários está em trabalhos como "*1982: começa a revolução*", sobre a revolução que derrubou a ditadura argentina, e "*Carta a Alicerce*", onde comenta o movimento por eleições diretas para presidente no Brasil, uma verdadeira revolução democrática que derrubou o regime militar no país, e critica a política da seção brasileira, que naquele momento tinha o nome de *Alicerce da Juventude Socialista*.

Algumas conclusões destes últimos trabalhos foram desenvolvidas mais tarde em "*Revoluções do século XX*".

Obviamente, nos marcos de um artigo, é impossível abranger toda a obra de Moreno e, menos ainda, analisar suas principais contribuições. Não era este o nosso objetivo. Mas esperamos ter despertado o interesse de muitos companheiros em procurar e estudar os trabalhos teóricos que estão na base da fundação e da construção da LIT, a principal obra viva de Moreno.

Moreno em Congresso na Argentina

ALGUNS DOS PRINCIPAIS TRABALHOS DE MORENO

1943
O partido

1948
Quatro teses sobre a colonização espanhola e portuguesa

1953
Carta de ruptura com o pablismo

Duas linhas, a oportunista e a revolucionaria, frente às massas bolivianas

1954
1954, ano chave do peronismo

1955
Carta ao Comitê Latino-americano (CLA) sobre Bolívia

Afinemos ainda mais a pontaria na Revolução Boliviana

1956
E depois de Perón?

1957
O marco histórico da Revolução Húngara

1958
Teses de Leeds

1960
Cuba, política e luta de classes

1961
Cuba sacode a América
Cuba, vanguarda da revolução

1962
A revolução latino-americana

1963
Peru: duas estratégias

1964
Dois métodos frente à revolução latino-americana: luta guerrilheira ou luta operária de massas?

1965
Bases para uma interpretação científica da História argentina

1967
A revolução chinesa e indo-chinesa

1969
Depois do "Cordobazo"

1970
Moral bolche ou moral espontaneísta

1971
Lógica marxista e ciências modernas

Lora renega o trotskismo

1972
Argentina e Bolívia: um balanço (co-autor)

1973
Um documento escandaloso
(mais conhecido como "El morenazo" e depois publicado como livro com o título O partido e a revolução).

1975
Método de interpretação da história argentina

Revolução e contra-revolução em Portugal

1977
Angola: a revolução negra em marcha

Alertamos contra a capitulação ao "Euro-stalinismo" (carta à direção do SU)

1978
A ditadura revolucionária do proletariado

1980
Atualização do Programa de Transição

1981
Considerações gerais sobre a revolução centro-americana

Complemento ao projeto de resolução sobre a Polônia

O governo Mitterrand: suas perspectivas e nossa política

Carta aos camaradas do Comitê Central do POSI (Partido Operário Socialista Internacionalista) da Espanha

América Central: seis países, uma nacionalidade, uma revolução

1982
A traição da OCI (unificada)

Por uma Palestina laica, democrática e não-racista

Teses de fundação da LIT (QI)

Oportunismo e trotskismo frente aos governos de frente popular

1984
Carta a Alicerce

As revoluções do século XX

Problemas de organização

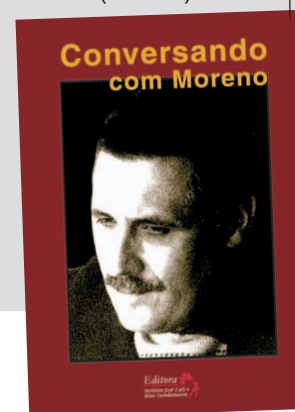
Projeto de teses sobre a situação mundial

1986
Conceitos políticos elementares (co-autor)

O sandinismo e a revolução

Conversando com Nahuel Moreno

Teses sobre o guerrilheirismo (co-autor)

Nossa experiência com o lambertismo (co-autor)

CAPITALISMO PROMOVE CATÁSTROFE CLIMÁTICA

RELATÓRIO comprova que humanidade vive sob o fantasma do colapso ambiental e recoloca dilema entre socialismo ou barbárie

JEFERSON CHOMA, *da redação*

O relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU (IPCC), sobre a avaliação das mudanças no clima do planeta, divulgado no último dia 2, trouxe à luz conclusões dramáticas sobre o futuro do planeta diante do aquecimento global. Há anos diversos cientistas têm alertado sobre o risco de uma catástrofe climática ocasionada pelo efeito estufa. Mas o que existe de novo no relatório do IPCC? Pela primeira vez um estudo reunindo as maiores autoridades do assunto apontou de forma consensual que a atividade humana, principalmente com a queima de combustíveis fósseis, é responsável pelo fenômeno.

O relatório também prevê um futuro sombrio para o planeta no próximo século. Até 2100 a temperatura da Terra aumentará entre 1,8°C e 4°C. Os últimos 11 anos foram apontados como os mais quentes desde o início das medições, há 100 anos. O pior de tudo é que o aquecimento já produziu fenômenos irreversíveis. Devido ao efeito estufa acumulado, será inevitável que o aumento da temperatura continue ao ritmo de 0,1°C por década, ainda que o nível de emissão de poluentes se mantenha nos níveis medidos em 2000.

Como conseqüência, o estudo aponta a possibilidade do derretimento total do gelo do Pólo Norte até 2100 e a redução da cobertura de neve em outras áreas do planeta. O que significará uma elevação do nível do mar, que poderia chegar a até 59cm, número considerado tímido por muitos especialistas. Se confirmadas as previsões do IPCC, o derretimento das geleiras faria com que cidades costeiras como Rio de Janeiro, Recife ou Nova Iorque desaparecessem inundadas pelos oceanos. As mudanças climáticas também provocariam o desaparecimento de 50% das espécies de fauna e flora do planeta, muitas delas ainda desconhecidas. Como disse um cientista, seria como se queimássemos livros antes de lê-los.

Um outro documento do IPCC, que será divulgado em abril, mostra que o aquecimento global provocará secas e desertificações e estima que entre 200 e 600 milhões de pessoas enfrentarão falta de alimentos daqui a 70 anos. Além disso, até o final do século a escassez de água poderá afetar entre 1,1 e 3,2 bilhões de pessoas, em continentes como África e Europa, países como Austrália e China e partes dos EUA.

RESPONSÁVEIS

O aquecimento global é provocado, principalmente, pelo aumento da emissão de gás carbônico na atmosfera, causado pela queima de petróleo, carvão mineral e gás. O CO^2 (dióxido de carbono, principal gás que produz o efeito estufa) liberado na atmosfera funciona como um cobertor, impedindo que a energia solar atmosférica se dissipe no espaço. Por isso, é chamado de efeito estufa, pois cria o fenômeno de uma "estufa planetária". Resulta, assim, que essa energia eleva também a temperatura dos mares.

Os países imperialistas são os maiores poluidores do planeta. Além de liberar mais de 20% da emissão dos gases estufa, os EUA produzem dez vezes mais CO^2 per capita do que a média de países como Brasil e Índia. De acordo com o Departamento de Energia do país, de 1990 a 2005 a emissão do gás simplesmente dobrou.

NÃO VERÁS PLANETA ALGUM

As conseqüências do efeito estufa sobre o clima estão cada vez mais evidentes. Fenômenos climáticos extremos (enchentes, secas, ondas de calor, etc.) foram uma constante no ano passado e colocaram o aquecimento na pauta das discussões mundiais.

Em seu livro 'Colapso', o biólogo norte-americano Jared Diamond trata de diversas sociedades do passado que entraram em crise terminal e desapareceram por terem esgotado seus recursos ecológicos em função das formas em que se organizavam. Civilizações inteiras naufragaram quando desperdiçaram recursos e ignoraram os sinais de esgotamento ambiental. A contradição entre seu modo de produção e a má utilização dos recursos disponíveis as conduziu à ruína.

O capitalismo em sua fase atual se converte cada vez mais em uma séria ameaça que pode arrastar a humanidade à barbárie. O fantasma do colapso hoje ameaça a civilização em escala planetária, isso porque pela primeira vez na história a humanidade vive sob um único regime de produção.

CAPITALISMO ECOLÓGICO?

O relatório do IPCC provocou choque e espanto em todo o mundo. Líderes mundiais e a grande imprensa saíram na defesa de propostas absolutamente ineficazes para reverter ou impedir o avanço da destruição, como o Protocolo de Kyoto, firmado em 1997. O acordo estabelece metas insuficientes para conter o aquecimento, pedindo que países industrializados diminuam em 5,2% a quantidade de gás carbônico jogada na atmosfera, em relação aos índices medidos em 1990. O próprio IPCC mostra a insuficiência dessa meta quando afirma que a emissão dos gases estufa deve ser reduzida pela metade. Mesmo assim, os EUA se recusam a cumprir até mesmo as rebaixadas metas de Kyoto. Aliás, o simples fato de o imperialismo não aderir às metas provocou a falência do acordo.

Essa proposta insere-se no marco da defesa de um "capitalismo ecológico", com rosto humano. O sistema, no entanto, não pode superar a crise que provocou, pois isso significaria pôr limites à acumulação capitalista.

O capitalismo promove uma enorme destruição das condições para a sobrevivência da humanidade. Não poderia ser de outro modo, uma vez que a força motriz da produção capitalista é o lucro. A sua busca gera a anarquia da produção que, por sua vez, gera superprodução, crises econômicas e esgotamento dos recursos naturais. Nesse marco predatório e de concorrência entre os burgueses, é impossível que o capitalismo possa utilizar tecnologias racionais e não poluentes, uma vez que sua adoção é infinitamente menos rentável para os capitalistas.

O aumento das emissões de CO2 é conseqüência de uma política energética orientada a proporcionar os máximos lucros. Basta ver que no mesmo dia da divulgação do relatório do IPCC a petroleira norte-americana Exxon anunciou um lucro de US$ 39,5 bilhões, o maior de toda a história do capitalismo.

SOCIALISMO OU BARBÁRIE

A bandeira ecológica insere-se na luta pela superação completa do regime de exploração. Ou o capitalismo é superado ou a humanidade seguirá para a barbárie e o ecocídio.

O fim da exploração irracional dos solos, da pilhagem e do desperdício dos recursos do planeta só pode ser alcançado por um mundo socialista, baseado na propriedade social dos meios de produção e no planejamento econômico que possa garantir a racionalização da exploração dos recursos do planeta. Dessa forma, se poderá avançar em novas tecnologias voltadas para o bem-estar da humanidade.